

michel foucault no brasil — esboços de história do presente

heliana de barros conde rodrigues

1. Cenas: entre o presente e o atual

- No “V Colóquio Internacional Michel Foucault — Por uma vida não-fascista”, realizado na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), em 2008, Margareth Rago fez da cerimônia de abertura uma *performance*.

Assim se expressava ela então, entre o tom sério e o jocoso, caminhando pelo auditório: “Dizem que só falo de Foucault... Se falo da Nova História, estou falando de Foucault. Se me refiro às mulheres, também estou falando de Foucault?!”. E prosseguia, agora alternando entre o provocativo (“Afim, acho que não falo só de Foucault...”) e o ensimesmado (“Será mesmo que só falo dele?”).

- Convidada ao evento da Unicamp, passeio pelo *campus* com companheiros “foucaultianos” (dirão também que só falam de Foucault?). Estes me apontam discretamente alguns professores da universidade, sussurrando: “Não frequenta o

Heliana de Barros Conde Rodrigues é professora do Departamento de Psicologia Social e Institucional da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Pós-doutorada no Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais da PUC-SP.

Colóquio, hoje só critica Foucault”; ou “Escreveu tal coisa, que o(a) tornou conhecido(a), usando Foucault, mas hoje nem quer ouvir falar ou só fala mal dele...”.

- De volta a casa, curiosa, digito no *Google*: “Foucault no Brasil”. Uma das primeiras referências de acesso não provém da academia. Trata-se do *blog* de Reinaldo Azevedo, colunista de *Veja*, cujo conteúdo transcrevo parcialmente: “Nunca antes neste país um produto cultural foi objeto de cerco tão covarde como *Tropa de Elite*. (...) Sequestrado pelo Bonde do Foucault (...), Padilha foi libertado pelo povo. (...) Numa incursão à favela, o Bope mata um traficante. No grupo de marginais, há um ‘estudante’. Aos safanões, Nascimento lhe pergunta (...): ‘Quem matou esse cara?’ (...) Alguns tapas na cara depois, acaba respondendo: ‘Foram vocês’. E ouve do capitão a resposta que mais irritou o Bonde do Foucault: ‘Não! Foi você, seu maconeiro’. (...) Já empreguei duas vezes a expressão ‘Bonde do Foucault’ (...). ‘Bonde’, talvez vocês saibam, é como se chama, no Rio de Janeiro, a ação de bandidos quando decidem agir em conjunto para aterrorizar os cidadãos”.

- Em momento impreciso, leio na *web*: “Uma brincadeira boba praticada por três estudantes da UNB acabou no presídio da Papuda. Jogados em uma cela (...), os filhos da classe média foram recebidos com as inevitáveis perguntas: ‘Quem são vocês e por que estão aqui?’ Quando um deles respondeu que era estudante de Filosofia, a gargalhada foi geral. ‘E o que tem a dizer a filosofia sobre a cadeia?’, perguntou um detento, entre a curiosidade e a ironia. ‘Sim, a filosofia tem muito a dizer sobre as prisões’, respondeu o estudante. E então começou a falar de Michel Foucault (...). A conversa foi tão interessante que os pri-

sioneiros convidaram os estudantes a voltar à Papuda para falar deste cara legal, este tal de Michel Foucault”.

Tantos amores revelados e tantos ódios, ora contidos ora brutais, desprendem-me do presente, em certo sentido plácido, em que me via mergulhada — lendo Foucault, ministrando aulas sobre ele na Universidade, aguardando ansiosa a publicação dos cursos do *Collège de France* que, de tempos em tempos, o ressuscitam. Qual sacudidelas surdas, perturbações do instituído, essas cenas desencadeiam uma problematização: o que é, afinal, não o sujeito Michel Foucault, mas o conjunto de saberes e práticas sintetizados por seu nome? Em que consiste, particularmente no Brasil, esse singular agregado?

O que (ainda) sou — alguém que só fala de Foucault? —, mas começo (talvez) a deixar de ser — o abalo do presente pelo atual, melhor dizendo —, engendra assim um convite a fazer passar pelo crivo da história essa presumida obviedade: a presença, os efeitos e as ressonâncias de Michel Foucault em nosso país. Mas, como só falo de Foucault (ou já não tanto?), a suas palavras recorro para dimensionar tal projeto: “... nunca escrevi nada além de ficções. Com isso não quero dizer que elas estejam fora da verdade. Parece-me plausível fazer um trabalho de ficção dentro da verdade, introduzir efeitos de verdade dentro de um discurso ficcional e, de algum modo, fazer com que o discurso permita surgir, fabrique, algo que ainda não existe, portanto ficcione algo. Ficciona-se a história partindo de uma realidade política que a torna verdadeira; ficciona-se uma política que ainda não existe partindo de uma verdade histórica”.¹

A despeito dessas palavras reasseguradoras, preocupo-me. Pois, apesar de ser circunstância sobejamente reconhe-

cida a relevância adquirida, entre nós, pelo pensamento de Michel Foucault em uma enorme variedade de campos disciplinares, profissionais e de militância, poucos se têm dedicado a investigá-la. As biografias elaboradas por Didier Eribon² e David Macey,³ bem como a cronologia apresentada por Daniel Defert⁴ referem-se ao tema de forma bastante sucinta.

Ao procurar referências adicionais, o problema da verdade histórica de novo me assedia. Nas buscas preliminares, inclusive, coisa aparentemente tão precisa como as cinco presenças (1965, 1973, 1974, 1975 e 1976) de Foucault no Brasil, eventualmente, transforma-se em duas, três, quatro... Tranquilizo-me, uma vez mais, lendo-o: “De certa maneira, sei muito bem que o que digo não é verdade (...). Sei muito bem que o que fiz é, de um ponto de vista histórico, parcial, exagerado (...). Tento provocar uma interferência entre nossa realidade e o que sabemos de nossa história passada. Se sou bem sucedido, essa interferência produzirá efeitos reais sobre nossa história presente. (...) Espero que a verdade de meus livros esteja no futuro”.⁵

Partilho dessa expectativa e decido-me, não sem receios, a dar início ao projeto. Nesse sentido, o que aqui apresento consiste no que os estadunidenses denominam *work in progress* (trabalho em curso) ou, talvez mais exatamente, no que Philippe Artières chama de *rêves d'histoire* (sonhos de história) e assim descreve: “O momento em que um novo projeto emerge é semelhante a uma embriaguez: dizemo-nos subitamente que seria preciso fazer a história de tal ou qual acontecimento, trabalhar sobre tal ou qual noção, inquirir sobre tal ou qual figura, compreender tal ou qual arqueologia. Os interditos caem, (...) deixamo-nos ir em direção a alhures”.⁶

2. Frágeis escoras

Embora sonhadora, quiçá embriagada, divisei algumas vigas para a presente pesquisa — passíveis, no futuro, de serem devoradas pelos cupins. A primeira me foi, uma vez mais, sugerida por Artières. Entre seus sonhos de história, vislumbra ele uma *audiografia* de Michel Foucault.

Nada mais apropriado. No Brasil, muitos já foram os títulos atribuídos a eventos: “Imagens de Foucault”, “Foucault hoje”, “Foucault vivo”, “Cartografias de Foucault”, etc. O mais óbvio, entretanto, jamais foi utilizado: “Foucault *fala*”. Pois o quanto falou esse filósofo, a ponto de ser difícil estabelecer, em meio a seus *Ditos e Escritos*, se mais existe ali de dito (e transcrito) ou de diretamente posto em papel e tinta. Nas ocasiões em que vem a nosso país, diferem as condições dos convites; mas invariavelmente se espera... que fale! — em coletivas de imprensa, conferências, cursos; a jornalistas, professores, profissionais, estudantes; em universidades, hospitais, auditórios.

No artigo “*Prendre la parole. Éléments pour une audiographie de Michel Foucault*”, diz Artières: “Michel Foucault não parou de se interrogar sobre o poder da palavra ao longo de seus trabalhos: na história dos discursos que propõe, sublinha o quanto, nas sociedades ocidentais, o exercício da palavra é político. Ora, em todas as suas intervenções na atualidade, do Grupo de Informação sobre as Prisões à Polônia, o intelectual Foucault não mais procurou responder à pergunta ‘O que é falar?’, mas subverter a ordem do discurso”.⁷

Crítico do intelectual universal, atento a jamais falar pelos outros, até mesmo o corpo físico de Foucault ocupava um lugar singular, conforme também sublinha Artières:

“Ao contrário de um filósofo montado sobre um tonel no meio dos operários dando-lhes instruções, Foucault fez um uso da palavra que (...) participava de seu trabalho específico de filósofo. Falar, para Foucault, era inscrever-se ou não em uma ordem do discurso, mas igualmente problematizar, através do próprio gesto, essa prática”.⁸

Foucault esteve no Brasil, conforme assinalamos, em 1965, 1973, 1974, 1975 e 1976. São anos, bem o sabemos, do regime militar, e implicam especificidades quanto à tentativa de gestão da palavra mediante dispositivos sintetizáveis pela expressão “Estado ditatorial”. A sugestão de uma *audiografia* do filósofo constitui, portanto, uma das ferramentas a utilizar na análise da *tomada da palavra*, por parte de Foucault, nas ocasiões em que partilhamos sua presença.

A segunda escora da pesquisa provém de um contraste. Ao passo que Deleuze, tão próximo de Foucault em outros aspectos, não via com bons olhos as viagens — “Não viajo. Por que não? Porque (...) as viagens dos intelectuais são uma palhaçada”⁹ —, Foucault foi incansável andarilho. Aparentemente, as viagens constituíam, para ele, experiências desestabilizadoras, passíveis de contribuir para que forjasse novas problemáticas, conceitos e diagramas. Nessa linha, a apresentação que figurava na capa de *História da loucura* quando de seu lançamento, em 1961, instiga a pensar na eventual provocação ao pensamento exercida por essas andanças pelo mundo: “Este é o livro de alguém que se surpreendeu (...), frequentou os hospitais psiquiátricos (do lado em que as portas se abrem), conheceu na Suécia a felicidade socializada (do lado em que as portas não se abrem mais), na Polônia, a miséria socialista e a coragem necessária, na Alemanha, não muito longe de Altona, as

novas fortalezas da riqueza alemã (...). Tudo isso o fez refletir, com seriedade, sobre o que é um asilo...”¹⁰

Finalmente, a terceira viga da investigação é oferecida pelo próprio Michel Foucault. Em 1975, Franco e Franca Basaglia organizaram uma coletânea, *Os crimes da paz*, composta de textos cedidos por intelectuais críticos do controle psiquiátrico. Foucault contribuiu com o artigo intitulado “A casa dos loucos”. Já na primeira linha, assevera: “No fundo da prática científica existe um discurso que diz: ‘nem tudo é verdadeiro’; mas em todo lugar e a todo momento existe uma verdade a ser dita e a ser vista, uma verdade talvez adormecida, mas que no entanto está somente à espera de nosso olhar para aparecer, à espera de nossa mão para ser desvelada”.¹¹

O texto maneja uma estratégia discursiva muito utilizada por Foucault: inicia-se por uma aparente obviedade, por algo com que, exagerando um pouco nas tintas, todos concordamos, e em que nos reconhecemos na qualidade de sujeitos lúcidos, saudáveis, trabalhadores — homens de nosso tempo, em suma. Nos livros de Foucault — destacando-se, nesse sentido, *Vigiar e Punir* e *História da sexualidade I* —, tal armadilha costuma prolongar-se por muitas e muitas páginas, chegando a convencer o desavisado leitor de que está diante de um companheiro de ordem, de um semelhante. Somente depois dessa longa viagem por naturalizações arraigadas vem o desvio inesperado, a súbita inversão das regras. No texto cedido aos Basaglia, contudo, o tombo é rápido. Eis o segmento imediato: “Mas achamos também (...) essa ideia que repugna à ciência e à filosofia: que a verdade, como o relâmpago, não nos espera onde temos a paciência de emboscá-la e a habilidade de surpreendê-la, mas que tem instantes propícios, lugares privilegiados, não só para sair da sombra como para realmente se produzir”.¹²

E Foucault logo reafirma: “Se existe uma geografia da verdade, esta é a dos espaços onde reside, e não simplesmente a dos lugares onde nos colocamos para melhor observá-la. Sua cronologia é a das conjunções que lhe permitem se produzir como um acontecimento, e não a dos momentos que devem ser aproveitados para percebê-la, como por entre duas nuvens”.¹³

Lição de contra-metodologia? Decerto, o que desejavelmente nos adverte quanto às ilusões presentes em nosso projeto de pesquisa. Preferimos, porém, acompanhar Foucault em sua oferta de uma direção, não para alcançar (ou descartar) a verdade, mas para nos acercarmos de suas *condições de existência*: “Poderíamos encontrar na nossa história toda uma ‘tecnologia’ desta verdade: levantamento de suas localizações, calendário de suas ocasiões, saber dos rituais no meio dos quais se produz”.¹⁴

Presença de Michel Foucault, presença de Michel Foucault no Brasil dos militares: que geografia é essa, que ocasião e que rituais terá comportado, ou mesmo exigido? Será esta a nossa visada, ou seja, a busca do que “ali e então” se deu, do acontecimento.

3. Incursões possíveis

Exposto o percurso crítico, cumpre oferecer algumas positivities felizes.

Oscilo entre os momentos que poderia abordar: a passagem de Foucault, em 1965, pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH), da Universidade de São Paulo (USP), então situada à Rua Maria Antônia — curso dito “malgrado” em função do recrudescimento

da ação dos militares, mas que redundou em comentário, talvez irônico, sobre o centro de excelência criado em 1934 para retirar-nos do “atraso colonial” em que estaríamos supostamente mergulhados: “Já são vocês, então, um ‘bom departamento francês de Ultramar...’”;¹⁵ seu retorno à mesma USP, em 1975, já então deportada para os barracões do *campus* do Butantã — momento em que a greve dos estudantes e o assassinato de Vladimir Herzog nos porões do Departamento de Ordem Política e Social (DOI-CODI) o levam a interromper seu curso, declarando não ensinar em países nos quais se torturam jornalistas nas prisões; a breve estada, datada de 1973, em Belo Horizonte, onde, qual uma estrela de cinema, é alvo de “focacas jornalísticas”, ao passo que, nas conferências em hospitais psiquiátricos, abandona a cátedra para sentar-se no chão junto aos estudantes e, ao invés de falar, ouvir experiências das “casas dos loucos” mineiras; a vinda ao Rio de Janeiro, em 1974, momento em que uma série de seis conferências no Instituto de Medicina Social¹⁶ abala a dicotomia, até então praticamente inquestionada pela esquerda, entre uma medicina curativo-individual-capitalista-reacionária e uma medicina preventiva-social-libertária-socialista, além de criar as condições para que nossos primeiros trabalhos historiográficos sob a “marca da pantera”¹⁷ prove-nham não de historiadores, mas de filósofos, médicos e profissionais “psi”; ou mesmo o ano de 1976, quando, julgando-se vigiado pelas forças de segurança desde o “Caso Herzog”, Foucault contorna os chamados “grandes centros” e se dirige a Salvador, Recife e Belém, onde ministra conferências e cursos,¹⁸ além de intensificar contatos com a imprensa alternativa.¹⁹ Em um simples artigo, no entanto, não haveria espaço para tudo isso.

Sendo assim, apoiando-me na geografia, se não da verdade, ao menos do discurso — resido e trabalho no Rio de Janeiro —, limito-me a algumas considerações sobre 1973, em terras cariocas.

4. Em torno de Édipo

“Quando volta, já é outro!” — exclamariam aqueles que, na forma de elogio ou reprovação, acusam o impacto provocado pelas inflexões na vida e nos escritos de Michel Foucault. Se em 1965 preparava minuciosamente seu “livro sobre os signos” — modo como costumava referir-se ao ainda futuro *As palavras e as coisas* —, conta-nos Didier Eribon que um professor do *Collège de France*, num belo dia de 1971, telefona a Georges Dumézil para expressar seus temores: “O que fizemos? Meu Deus, o que fizemos?”. O assustado acadêmico em muito contribuíra para a eleição de Foucault à prestigiada instituição francesa e não se contém ao vê-lo, ao lado de Sartre e dos *gauchistes*, à testa de passeatas em defesa dos imigrantes ou à frente de presídios em revolta. Não obstante Dumézil tente tranquilizar o interlocutor — “Nós agimos muito bem”, retruca —, a cada encontro semanal que tem com Foucault, com quem partilha intensa amizade, sai-se com a seguinte tirada: “Mas o que é que você foi fazer de novo na porta de uma prisão?”.²⁰

São, hoje o sabemos bem, os tempos do Grupo de Informação sobre as Prisões (GIP) — movimento cujos aportes às estratégias micropolíticas de ação e à pesquisa-intervenção de caráter crítico ainda não foram suficientemente explorados.²¹ Longe do Brasil há oito anos, muitas razões e ocasiões teria Foucault, aqui, para se manifestar.

Em 1972, o *Report on allegations of torture in Brazil*, publicado em Londres pela Anistia Internacional, relacionara 1076 vítimas de tortura. Provavelmente está informado da situação, ainda mais sabendo-se que grande parte dos atingidos provém do meio estudantil, acerca do qual declarara, a *La presse de Tunisie*, em 12 de abril de 1967: “Provavelmente terá sido apenas no Brasil e na Tunísia que eu encontrei, entre os estudantes, tanta seriedade e tanta paixão, paixões tão sérias e, o que me encanta mais do que tudo, a avidez absoluta de saber”.²²

Não o convidam, é claro, a juntar-se à guerrilha — por sinal, não havia muito se iniciara a violenta campanha de repressão no Araguaia —, mas à partilha da vontade de saber. Entre 21 e 25 de maio de 1973, chamado por iniciativa de Affonso Romano de Sant’Anna, diretor do Departamento de Letras e Artes da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ), deve ministrar uma série de conferências. Diferentemente do ocorrido em 1965, desta feita sua fala não malogra. O auditório do Rio Data Centro está sempre repleto para assistir a sequência intitulada “A verdade e as formas jurídicas” — uma discreta (?!) alusão à situação brasileira? —, em meio à qual se desenrola uma mesa redonda contando, entre outras, com as presenças de Helio Pellegrino, Chaim Katz, Roberto Machado, Luis Costa Lima, Luís Felipe Baeta Neves, Rose Marie Muraro, Marcio Tavares do Amaral, Luís Alfredo Garcia Rosa, Magno Machado Dias, Roberto Osvaldo Cruz e Affonso Romano de Sant’Anna.

A mídia não o ignora. Em 26 de maio, a página 4 do Caderno B do *Jornal do Brasil* estampa, sob a chamada “Em torno de Édipo”, extratos dessa mesa redonda. Também *Opinião*, publicação da imprensa alternativa, divulga

reportagens sobre a presença de Foucault na universidade e artigos acerca do efeito de *História da Loucura* na despsiquiatrização da vida.²³

Mas não só na imprensa a palavra foucaultiana será fixada. Em junho de 1974, numa edição que hoje diríamos “mambembe”, os “Cadernos da PUC” lançarão *A verdade e as formas jurídicas*, em tradução de Roberto Machado — ex-aluno, amigo e, a partir de então, inseparável companheiro de viagem — e Eduardo Jardim de Moraes.²⁴ Desta feita, evocando com malícia o “departamento francês de ultramar”, a Europa se curva ante o Brasil: apenas em 1994, quando da publicação de *Dits et Écrits*, o público francês terá acesso a esse belíssimo curso, em tradução de Plínio Wander Prado Júnior, professor brasileiro radicado na Universidade de Paris 8.²⁵

Nada é tão simples, no entanto. Porque se desde a primeira conferência na PUC-RJ Foucault se afirma como um historiador de domínios de saber formados a partir de práticas sociais; faz referências explícitas a formas jurídicas (articuladas a regimes de verdade), notadamente o exame, sem as quais não se poderia conceber a instalação da sociedade capitalista; e, em especial, convida a conceber um “sujeito a cada instante fundado e refundado pela história”,²⁶ é o *Édipo* — melhor dizendo, a Psicanálise — que prolifera na conversa cotidiana que prolonga suas palavras, já que se trata do momento do *boom* da cultura psicológica (hegemonicamente psicanalítica) nas grandes cidades brasileiras.²⁷

Em 1972, *O Anti-Édipo* fora lançado na França e Foucault está, à época, muito próximo de Deleuze e Guattari. Sendo assim, tornou-se inesquecível o diálogo travado com Helio Pellegrino — intelectual admirado tanto como te-

rapeuta quanto na qualidade de militante de esquerda —, em que a verve de Foucault provoca risadas ao atingir uma conclusão, fundada na mais pura lógica, que põe em questão a presumida universalidade da estrutura edipiana. Eis parte desse diálogo:

“Helio — Qual é o outro fundamental do desejo?”

Foucault — Não há outro fundamental do desejo. Há todos os outros. O pensamento de Deleuze é profundamente pluralista (...).

Helio — Ele fala como homem adulto de uma criança. A criança, por definição, não pode ter esse pluralismo (...) Ela, por uma questão de dependência inexorável, tem como objeto primordial a mãe (...).

Foucault — (...) Se o senhor diz que o sistema de existência familiar, de educação, de cuidados dispensados (...) leva a criança a ter por objeto primeiro — primeiro cronologicamente — a mãe, acho que posso concordar. (...) Mas se o senhor diz que a mãe é o objeto primordial, (...) essencial, (...) fundamental, que o triângulo edipiano caracteriza a estrutura fundamental da existência humana, eu digo não.

Helio — Há umas experiências hoje de um psicanalista muito importante chamado René Spitz. Ele mostra o fenômeno hospitalístico. As crianças que não têm *maternização* simplesmente perecem, morrem por falta de ‘mãe materna’”.

Foucault — Compreendo. Isso só prova uma coisa: não que a mãe é indispensável, mas que o hospital não é bom”.²⁸

Para além do humor, nunca descartável, cumpre acrescentar que é bem possível que a defesa intransigente da

universalidade do Édipo, por parte de Helio Pellegrino, não fosse, naquele momento, mero efeito dogmático da pertença à Igreja Psicanalítica. Em 1966 ele apresentara, num congresso realizado em Santiago do Chile,²⁹ o trabalho “Pacto edípico e pacto social — da gramática do desejo à sem-vergonhice brasílica”,³⁰ no qual articulava os desmandos da ditadura militar brasileira às vicissitudes da (ir)resolução da conflitiva, tanto social quanto subjetivante, ligada à instauração da Lei simbólica. Essa circunstância, vale frisar, não aparece na publicação do debate entre Helio e Foucault. Se eventualmente emergiu nas falas, não foi transcrita quando da edição do conteúdo da mesa redonda, por motivos evidentes...

5. Aberturas, hoje

Quatro anos depois da estada no Rio de Janeiro que vimos focalizando, referindo-se aos “psi” brasileiros em um debate publicado na revista *Change*, Foucault deixará de lado essa batalha em torno da “estrutura”, optando por ressaltar as diferentes práticas que permeavam o campo ético-político-intelectual de nosso país: “Conheço um pouco o Brasil. Lá a situação é bem complexa. Porque é absolutamente verdadeiro que, por um lado, os médicos (...) participam dos interrogatórios que tomam a forma de tortura. Eles dão conselhos... E é certo que existem psiquiatras que participam disso. Creio poder afirmar que há um psiquiatra, ao menos, no Rio, que é conselheiro da tortura. (...) Por outro lado, é absolutamente certo que lá existem psicanalistas e psiquiatras que são vítimas da repressão política. E que vieram a tomar a iniciativa de ações em sentido contrário, na oposição. À frente de uma

manifestação muito importante contra a repressão, no decorrer dos anos 1968-1969, se achava um psicanalista do Rio”.³¹ Sem maiores hesitações, pode-se depreender que Foucault se refira, no caso do psiquiatra-conselheiro dos torturadores, a Amílcar Lobo, candidato da Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro;³² e no caso do psicanalista à frente das manifestações de oposição à ditadura militar, a Helio Pellegrino.

A reprodução dessas palavras de Foucault nos encaminha à conclusão do presente ensaio. Convidando-nos a escapar ao fascínio pelas teorias (ou pelo infundável debate sobre as teorias) que se querem totalizantes, elas impelem a novo salto no tempo.

Na primeira aula do curso de 1976 no *Collège de France*, “Em defesa da sociedade”, Foucault se volta, com grande acuidade, para a análise dos efeitos politicamente esterilizantes das grandes sistematizações, comumente abrigadas sob o rótulo de ciências. Nesse percurso, redefine a genealogia, apartando-a das definições propostas por comentadores eruditos para aproximá-la dos saberes desqualificados, incapazes de unanimidade: “A genealogia seria, pois, relativamente ao projeto de uma inserção dos saberes na hierarquia do poder próprio da ciência, uma espécie de empreendimento para dessujeitar os saberes históricos e torná-los livres, isto é, capazes de oposição e de luta contra a coerção de um discurso teórico unitário, formal e científico”.³³ Em seguida, cômico dos perigos de tal empreitada, Foucault lança-se a uma ficção futurista: “... não correm eles [esses saberes menores] o risco de serem recodificados, recolonizados por esses discursos unitários que, depois de os terem a princípio desqualificado e, posteriormente, ignorado (...), talvez estejam agora prontos para anexá-los e para reto-

má-los em seu próprio discurso e em seus próprios efeitos de saber e de poder?”³⁴

Foucault se está referindo, então, a um possível destino dos saberes minoritários, contracondutuais, transversais, ou como se venha a designá-los. É inevitável, entretanto, a tentação de associar tais considerações ao destino de seu próprio discurso. Fale do que fale, ele sempre nos dirige ao presente.

Quanto a isso, é pertinente assinalar que, no Brasil (e não só aqui, certamente...), o pensamento de Foucault nem sempre escapa às funestas vicissitudes acima referidas. Proliferam os modos de controle: o da citação decorativa e infinita; o da reverência ao mestre (por mais que mestre... a suspeita); o da dogmatização produtora de obediência e renúncia; o da monopolização por sociedades de eruditos; o dos “ismos” de ocasião, banalizadores e impotentizantes; o da disciplinarização sob fronteiras estritas (filosóficas, sociológicas, historiográficas... pouco importa); o das aproximações, sob a forma “Foucault e...”, nas quais o(a) eventual companheiro(a) serve para tornar Foucault mais respeitável (e, conseqüentemente, mais palatável).

Aquele sobre quem tanto se contam pequenas histórias nada edificantes viverá hoje, em nosso país, somente em “boas companhias”? Enquanto penso nisso, recebo de um mestre-e-amigo os versos do catalão Juan Manuel Serrat, *Malas Companias*, que celebram a singularidade de suas próprias amizades.

Ao ritmo desses versos, em meio à agonística dos exercícios de poder, o efeito-Foucault, intransigente e ingovernável, volta a ressoar no presente.

Notas

- ¹ Michel Foucault. “Interview with Lucette Finas” in M. Morris e P. Patton (eds.) *Michel Foucault: power, truth and strategy*. Sidney, Federal Publications, 1980, p. 75.
- ² Didier Eribon. *Michel Foucault: uma biografia*. Tradução de Hildegard Feist. São Paulo, Companhia das Letras, 1990.
- ³ David Macey. *The lives of Michel Foucault*. New York, Vintage Books, 1993.
- ⁴ Daniel Defert. “Cronologia” in Michel Foucault. *Ditos e escritos I. Problematização do sujeito, psicologia, psiquiatria e psicanálise*. Tradução de Vera Lucia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2002.
- ⁵ Michel Foucault. “Foucault étudie la raison d’État” in *Dits et Écrits III*. Paris, Gallimard, 1994, p. 805.
- ⁶ Philippe Artières. *Rêves d’histoire — pour une histoire de l’ordinaire*. Paris, Les Prairies Ordinaires, 2006, p. 8.
- ⁷ Philippe Artières. “Prendre la parole. Éléments pour une audiographie de Michel Foucault” in *Sociologie et sociétés*. vol. 38, n. 2, 2006, p. 165.
- ⁸ Idem, p. 165.
- ⁹ Gilles Deleuze *apud* José Gondra e Walter Kohan. “Apresentação” in *Foucault 80 anos*. Belo Horizonte, Autêntica, 2006, p. 9.
- ¹⁰ Michel Foucault, *apud* Didier Eribon. *Michel Foucault e seus contemporâneos*. Tradução de Lucy Magalhães. Rio de Janeiro, Zahar, 1996, p. 41.
- ¹¹ Michel Foucault. “A casa dos loucos” in *Microfísica do poder*. Tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro, Graal, 1979, p. 113.
- ¹² Idem.
- ¹³ Ibidem.
- ¹⁴ Ibidem.
- ¹⁵ A respeito, consultar: Paulo Eduardo Arantes. *Um departamento francês de ultramar. Estudos sobre a formação da cultura filosófica uspiana (uma experiência dos anos 60)*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1994; e Renato Janine Ribeiro. “Filósofos franceses no Brasil: um depoimento” in Carlos Benedito Martins (org.) *Diálogos entre França e Brasil. Formação e cooperação acadêmica*. Recife, Fundação Joaquim Nabuco, 2005.

¹⁶ Duas dessas conferências (“O nascimento da medicina social” e “O nascimento do hospital”) estão publicadas em português desde 1979, na coletânea *Microfísica do poder*, organizada por Roberto Machado. Uma terceira, “Crise da medicina ou crise da antimedicina”, encontra-se atualmente disponível em *Verve*, vol. 18. São Paulo, Nu-Sol/PUC-SP, 2010, pp. 167-194.

¹⁷ Expressão cunhada por Margareth Rago para designar a atribulada penetração do pensamento de Foucault entre os historiadores. Ver: Margareth Rago. “As marcas da pantera. Foucault para historiadores” in *Resgate — Revista de Cultura*, n. 5, 1993, pp. 22-32.

¹⁸ Ministrados na Universidade Federal da Bahia (UFBA), Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e Universidade Federal do Pará (UFPA). No último caso, por iniciativa do Prof. Benedito Nunes, um dos primeiros estudiosos do pensamento de Foucault no Brasil, recentemente falecido, aos 81 anos de idade. Agradeço a Ernani Chaves pelas informações sobre Belém, desde os primeiros passos desta pesquisa.

¹⁹ *O Inimigo do Rei e Barbárie*, dois “nânicos” de Salvador, publicaram textos de Foucault. O primeiro, sob o título “As manhas do poder”, uma aula de janeiro de 1976 no *Collège de France*, que posteriormente aparecerá na edição brasileira de *Microfísica do poder* como “Soberania e disciplina”. Ver: *O Inimigo do Rei*, n. 7, ano 3, set/out 1979, pp. 8-10. O último, a conferência “As malhas do poder”, proferida na UFBA, bem como os debates que a ela se seguiram, em duas partes. Ver: *Barbárie*, n. 4, verão 1981, pp. 23-27 e *Barbárie*, n. 5, verão 1982, pp. 34-42. Também *Invasão*, jornal alternativo que editou um único número, exibiu uma longa entrevista com Foucault. Ver: *Invasão*, mar/1977, pp. 25-27. Agradeço a Gustavo Simões, Cláudio Luiz Soares e Carlos Baqueiro pelos documentos e as informações relativos a esse momento da presença de Foucault no Brasil.

²⁰ Didier Eribon, 1990, op. cit., p. 237.

²¹ Uma abordagem promissora pode ser encontrada em: Philippe Artières. “*La sombra de los prisioneros sobre el tejado*” in Didier Eribon (dir.). *El infrecuente Michel Foucault*. Buenos Aires, Letra Viva/Edelp, 2004, pp. 137-152.

²² Michel Foucault. “*La philosophie structuraliste permet de diagnostiquer ce qu’est aujourd’hui*” in *Dits et Écrits I*. Paris, Gallimard, 1994, p. 584.

²³ Wilson Nunes Coutinho “O contestador na universidade” in *Opinião*, n. 32, 11 jun. 1973, p. 21; Laymert Garcia dos Santos. “Para despsiquiatrizar a loucura” in *Opinião*, n. 47, 1 out. 1973, pp. 19-20.

Michel Foucault no Brasil — esboços de história do presente

²⁴ Michel Foucault. “A verdade e as formas Jurídicas” in *Cadernos da PUC*, n. 16, 1974. Embora a apresentação do número, feita por Affonso Romano de Sant’Anna, promettesse para a edição subsequente a publicação, na íntegra, da mesa redonda parcialmente transcrita pelo Jornal do Brasil, somente na quarta edição do n. 16, datada de 1991, isso efetivamente ocorre. Já o lançamento em forma de livro, pela Editora Nau, de *A verdade e as formas jurídicas* data de 1996 — edição em que nos apoiamos para as citações.

²⁵ Michel Foucault. “*La vérité et les formes juridiques*” in *Dits et Écrits II*. Paris, Gallimard, 1994, pp. 538-646.

²⁶ Michel Foucault. *A verdade e as formas jurídicas*. Tradução de Roberto Machado e Eduardo Jardim Morais. Rio de Janeiro, Nau, 1996, pp. 7-12.

²⁷ Cecília Maria Bouças Coimbra. *Guardiães da ordem. Algumas práticas psi no Brasil do ‘milagre’*. Rio de Janeiro, Oficina do Autor, 1995.

²⁸ Michel Foucault, 1996, op. cit., pp. 132-134.

²⁹ Até o momento, não foram localizados dados mais precisos sobre o congresso mencionado. Os “cuidados” da época talvez expliquem a escassez de documentação. Vale lembrar que o diálogo entre Foucault e Helio Pellegrino ocorreu em 1973, cerca de quatro meses antes do golpe militar... agora chileno.

³⁰ O texto somente se tornará acessível aos leitores brasileiros em 11 de setembro de 1983 — a exatos dez anos do golpe militar no Chile —, através do *Folhetim*, caderno da Folha de São Paulo, n. 347. Posteriormente, será editado como capítulo de coletânea. Ver: Helio Pellegrino. “Pacto edípico e pacto social” in Luiz Alberto Py et al. *Grupo sobre grupos*. Rio de Janeiro, Rocco, 1987. Agradeço ao grupo de orientação e pesquisa dos professores Salma Tannus Muchail e Márcio Alves da Fonseca, da PUC-SP, pela evocação desse antigo texto de Helio Pellegrino, que eu, erroneamente, julgava originalmente datado da década de 1980.

³¹ Michel Foucault. “*Entretien avec Michel Foucault*” in *Dits et Écrits IV*. Paris, Gallimard, 1994, p. 345.

³² A respeito, consultar: Armando Bauleo e Marie Langer. “Algo más sobre tortura” in *Cuestionamos 2*. Buenos Aires, Granica, 1973.

³³ Michel Foucault. *Em defesa da sociedade*. Tradução de Maria Ermantina Galvão. São Paulo, Martins Fontes, 1999, p. 15.

³⁴ Idem, p. 17.

Resumo

O artigo expõe os referenciais adotados na pesquisa “Michel Foucault no Brasil: presença, efeitos e ressonâncias”, entendida como história do presente. Desenvolve de forma mais detalhada aspectos da estada de Foucault no Rio de Janeiro, em 1973, quando ele ministra o curso “A verdade e as formas jurídicas”. Articula esse momento a um esboço de diagnóstico da situação do discurso foucaultiano no Brasil, hoje.

palavras-chave: Michel Foucault, Brasil, história do presente.

Abstract

The article exposes the references adopted in the research “Michel Foucault in Brazil: presence, effects and resonances”, understood as history of the present. In a more detailed form it develops aspects of Foucault’s stay in Rio de Janeiro in 1973, when he teaches the course “The truth and the juridical forms”. This moment is articulated to a tentative of diagnosis of the situation of Foucauldian discourse in Brazil today.

keywords: Michel Foucault, Brazil, history of the present.

Recebido para publicação em 15 de janeiro de 2011. Confirmado em 20 de março de 2011.